

Paulo Gomes Varella preferiu fazer um relato de sua história de vida, apresentando seu caminho de pesquisador.

## **A Gentileza na Difusão Científica**

**Paulo Gomes Varella**  
<http://lattes.cnpq.br/3634359302208181>

Quem sou eu? Sou o Professor Paulo Gomes Varella, 64 anos de idade. Oriundo do ensino oficial: cursei o primário, o ginásio e o colegial para exatas no Instituto de Educação Estadual Brasília Machado, no bairro da Vila Mariana, cidade de São Paulo. Sou formado em Geologia pela Universidade de São Paulo e pós-graduado em Astronomia pelo Núcleo de Astrofísica Teórica da Universidade Cruzeiro do Sul. Cursei, mas não me formei, o bacharelado em Meteorologia na Universidade de São Paulo. Certa vez me pediram que eu me definisse: sou um naturalista (estilo dos do século XIX), interessado em todos os assuntos ligados às ciências naturais. 2) A difusão científica por influência de meu irmão mais velho (prof. Irineu Gomes Varella), falecido recentemente em agosto de 2020, comecei a frequentar o Planetário e a Escola Municipal de Astrofísica (no Parque do Ibirapuera, São Paulo) a fim de aprender noções de Astronomia, um dos assuntos que me interessavam aos 13 anos de idade. Meu irmão já frequentava o Planetário e foi meu primeiro professor nesta área (e em outras, também). Lá convivi com professores incríveis como: Aristóteles Orsini, Acácio Riberi, Pedro Serpe e Walter Augusto Sêvo, além do próprio Irineu. Pessoas com vastos conhecimentos não apenas nas áreas que atuavam, mas em muitos outros ramos do conhecimento humano. Além do contato com as áreas da ciência, sem que percebesse, entrei em contato com a difusão científica.

Pessoas que se dedicavam à transmissão de conhecimento ao público, sem pertencerem à estrutura do ensino formal. Com 15 anos de idade já ingressava no quadro de colaboradores do Planetário e aos 16 anos já havia me decidido a trabalhar como divulgador científico. Fui membro da equipe técnico-científica do Planetário por 48 anos, realizando a função de ensinar as maravilhas do mundo natural a quem se interessasse. Na Escola de Astrofísica, foram mais de 330 cursos (outros 170 no Observatório Céu Austral), 1750 narrações ao vivo das apresentações do Planetário, centenas de palestras e observações do céu natural, a olho nu e

por telescópios. Expandi meus horizontes na difusão, fora do serviço público, com excursões com escolas em semanas de estudo, em parcerias com as Escolas Técnicas Estaduais para o uso de espaços em cursos livres para os estudantes e para as comunidades do entorno, na Associação Filosófica Palas Athena, em instruções para navegadores marítimos, terrestres e aéreos, em Fóruns de Cultura de Paz, promovidos pela UNESCO e coordenados pela Palas Athena, e com a filosofia educacional Waldorf. Estamos concretizando o sonho de muitos anos que é a instalação de um Centro de Ciências no interior do Estado de São Paulo para a difusão da Astronomia, das Geociências e da Meteorologia – o MAGMA em Botucatu. 3) A gentileza neste contexto Michio Kaku, físico teórico da Universidade de Nova York, certa vez escreveu: “o conhecimento não serve para nada se não o compartilha”. É um norte aliado a quatro pilares que me orientam na difusão científica: conhecimento, gentileza, verdade e ética (os três últimos são também pilares para uma convivência saudável com meus semelhantes).

a) O conhecimento é fundamental para quem se propõe a ensinar. Aos 16 anos já sabia que minha vida seria de perpétuo estudo. Deve-se falar com propriedade sobre os assuntos, mostrando a visão (ou as visões) da ciência, os modelos que criamos para explicar os fenômenos naturais etc. b) A gentileza se traduz em ajudar as pessoas na compreensão do mundo da ciência, por vezes muito complexo. Salvo honrosas exceções, o pesquisador científico raramente realiza o trabalho de divulgação científica e, entre aqueles que o fazem, raros são os que atingem de fato o grande público. Espera-se que o educador possua implicitamente a gentileza. Assim, o grupo que lidero tomou para si a tarefa de transformar o conhecimento acadêmico (complexo e por vezes inacessíveis) em noções simples e “palatáveis” ao grande público.

Neste contexto, somos pioneiros na difusão da Geologia e da Meteorologia e tradicionais na Astronomia. c) A verdade se traduz na transmissão ampla do conhecimento sem privilegiar um modelo específico ou uma visão, mostrando que, em ciência, nossas “verdades” (modelos) são provisórias. Traduz-se, também, na oferta de atividades que enriqueçam a visão do mundo do consumidor, com pontualidade, qualidade e conteúdo. d) A educação é uma atividade ligada à ética, um dos princípios, também, da não violência. Em minha visão, uma educação ampla passa pela transmissão não polarizada da ciência, sem viés ideológico.

O “ativismo científico” não tem produzido bons frutos. A difusão científica deve ser isenta. Nós nos consideramos (todo o nosso grupo) como semeadores tanto para crianças, jovens, como para os adultos. Recentemente, no 135º Fórum de Cultura de Paz (UNESCO – Palas

Athena) apresentamos a questão do ativismo na ciência e nossa visão contrária a isso, o que foi amplamente apoiado pelos presentes. “A nós cabe a ação e não as consequências” (Lia Diskin – Palas Athena), tendo como princípio a filosofia de que uma árvore não se alimenta de seus próprios frutos. Não sabemos o que as sementes que lançamos farão. Que frutos gerarão. Mas aqueles que nos ouvem e assistem devem receber as noções, visões e ideias de forma mais ampla possível para que conclua ou construa sua própria visão de mundo, principalmente as crianças que são “esponjas” que absorvem facilmente boa parte do que a elas falamos.

A ética nos cobra a honestidade de propósitos, a multivisão do mundo e a educação sem viés, com respeito às fases de desenvolvimento de cada faixa etária, adultos inclusos. A meu ver, se ferirmos qualquer um dos princípios básicos, geramos agressividade e violência, ambas opostas à gentileza. Finalizando, algumas ideias que ainda permeiam a difusão científica e que são nocivas ao processo (minha visão): a) “Falsas gentilezas” – a ideia de que o lúdico é fundamental para a transmissão do conhecimento para os jovens e para as crianças ou a ideia do “aprender brincando”.

A escola e o processo de formação de crianças e jovens não são brincadeiras. Frequentemente o lúdico aparece como agente encobridor da falta de conhecimento (primeiro pilar), enganando o “consumidor”, ferindo os objetivos de todos os pilares. Professores, educadores e divulgadores que disfarçam a falta de conhecimento representando o papel de “amigos” fazem grande sucesso entre os jovens que não possuem ainda a capacidade de julgar a qualidade do que recebem; b) “Obrigatoriedade” da gentileza uma vez que uma atividade é realizada para um grupo, você deve realizá-la sempre; c) “Gratuidade” em tudo – gentileza não é sinônimo de gratuidade. Como se diz, não há almoço grátis. Se algo é oferecido gratuitamente a uma comunidade, alguém está pagando por isso. Podemos gentilmente ceder nosso tempo de forma gratuita para atendermos uma demanda específica. Mas nem sempre isso é possível. Conclusão: Ao longo dos anos, são estas as diretrizes que norteiam o trabalho que oferecemos para a construção de um mundo melhor.